



## Restauração das Obras de Arte Aplicadas à Arquitetura Realizada na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Mariana - MG, após o Incêndio em 1999: Processo e Documentação

Gabriela Mara Silva Ferreira\*, Haroldo Gallo

### 1) RESUMO

Em janeiro de 1999, ocorre, em Mariana - MG, um incêndio na parte interna da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, amplamente considerado um templo do rococó mineiro e grande cenário de manifestações religiosas pela população local, que passava por obras restaurativas na época. Após tal sinistro, é realizado, em associação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) e instituições religiosas locais, o restauro da estrutura interna, incluindo telhado e nave em sua totalidade. O objetivo da pesquisa foi observar como foi realizado o processo de restauração, à luz da documentação disponível, e a investigação do embasamento teórico geral sobre o restauro utilizado. A partir da análise dos arquivos obtidos e de entrevistas com indivíduos diretamente envolvidos no restauro, realizou-se interpretações com o propósito de compreender o contexto da Igreja na cidade, os momentos anteriores ao fogo e as decisões tomadas após tal ocorrido, buscando conectar tais elementos com teorias da restauração adequadas. Constatou-se, nessa conjuntura, a provável causa do incêndio, relacionada diretamente ao processo restaurativo sendo realizado na época, além da danificação da nave em sua integridade e do telhado, cabendo ao restauro toda uma reconstrução da parte interna central afetada, em especial, como destacado na pesquisa, do forro da nave e dos altares laterais. Verificou-se também o uso de Cartas do restauro e dos teóricos Cesare Brandi e Camilo Boito como referencial teórico na formulação das diretrizes gerais para o processo, a partir do Ante Projeto Básico de Restauro.

**Palavras-chave:** Igreja de Nossa Senhora do Carmo; incêndio; Mariana; restauro; restauração artística.

### 2) INTRODUÇÃO

Batizada em homenagem à rainha Maria Ana D'Áustria, esposa do rei D. João V, Mariana é primeira vila, cidade e capital do Estado de Minas Gerais. Além dos diversos aspectos econômicos e políticos que a tornam a "Primaz de Minas", como sua participação intensa no Ciclo do Ouro no Brasil Colonial, o Papa Bento XIV torna-a ainda um polo de religiosidade no interior do estado, com o título de primeiro Bispo, sendo considerada até hoje um "berço da religiosidade mineira". Dessa maneira, com a influência massiva da religião na cidade, Mariana se constituiu à mercê da fé.

Devido a proibição do estabelecimento de ordens religiosas específicas no estado, porém, ocorreu a criação de diversas Ordens Terceiras, ou Irmandades – associações de leigos devotos, com o desejo de seguir as ordens, mas sem a necessidade de realizar os votos requeridos pela Igreja, em secularização – que regiam os costumes da população e sua existência social, a

partir da sua influência na arquitetura e cultura locais. Uma das Ordens de maior destaque na cidade foi a Irmandade do Carmo, uma das pioneiras no território marianense, que, sobretudo, focou grande parte de seus recursos no estabelecimento de uma igreja própria, sua sede definitiva. A Ordem do Carmo encomendou, assim, o local de culto tratado nesta pesquisa, conhecida atualmente como Igreja Nossa Senhora do Carmo, cujas obras se iniciaram em 1784.

O templo começou a ser construído no fim do século XVIII pelo mestre pedreiro português Domingos Moreira de Oliveira, contando com a participação de outros membros da comunidade artística mineira, como Félix Antônio Lisboa que fez o projeto do altar-mor; Francisco Xavier Carneiro, que aplicou o dourado de ouro puro no altar e executa a pintura do forro da nave – Nossa Senhora do Carmo entregando um escapulário para São Simão Stock – e dois altares do arco do cruzeiro. As esculturas diretamente ligadas à arquitetura, a pintura do

forro da nave e a construção visual presente no próprio altar-mor são consideradas características marcantes da construção. Tendo como estilo predominante o rococó e renunciando o neoclássico, do Carmo tem ainda as qualidades de simplicidade e curvilinearidade, aliadas a talha em ouro e às pinturas ilusionistas do teto abobadado.

Dos anos de 1988 até 1999, a Igreja, se encontrando em estado precário, passou pelo processo de elaboração e execução de uma restauração intensa em seu interior – no telhado e estruturas de sustentação, ação realizada sob a orientação do IPHAN, com patrocínio da Vale. Em janeiro de 1999, porém, já nos estágios finais de tal processo de recuperação do bem material, ocorreu um incêndio que devastou uma parcela da edificação. Devido à falta de um sistema emergencial de atendimento a esse tipo de acidente na cidade, o fogo foi capaz de consumir partes importantes da estrutura interna, de maneira rápida e incontrolável, afetando em especial a nave e o telhado da mesma.

Figura 1 - Igreja durante o incêndio



Com o apoio do Ministério da Cultura e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, foi financiada uma restauração para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo no mesmo ano, a fim de devolver a

funcionalidade ao templo. A recente restauração envolve, nesse momento, o reparo da estrutura integral afetada da Igreja, devido aos desabamentos de importantes partes da arquitetura interna; o conserto do esqueleto elétrico e dos integrantes artísticos da estrutura, sob o encargo de restauradores artísticos.

O objetivo desta pesquisa foi então investigar quais foram os passos tomados inicialmente para a restauração dos bens móveis, de início no ano de 2000, a partir do levantamento de projetos iniciais e do contexto teórico-social aplicado na tomada de decisões. Nesse sentido, buscou-se analisar o processo de restauração do forro da nave e dos retábulos laterais, e entender seu embasamento teórico principal, apoiando-se em arquivos técnicos arquitetônicos e em relatos coletados com ambos os arquitetos envolvidos nos dois processos restaurativos catalogados, Altino Caldeira e Rodrigo Meniconi, pontuando sobre o processo histórico da recuperação da arte sacra do Carmo.

### 3) RESULTADOS OBTIDOS

Foi possível, assim, assimilar a trama histórica da Igreja de Nossa Senhora do Carmo e constatar sua relevância, pela historicidade inerente em meio a uma cidade histórica, de dimensões pequenas, no interior de um estado brasileiro popularmente conhecido por seus costumes tradicionais; e pela natureza destrutiva do incêndio. Essa análise de cunho social agregou valor à necessidade de uma restauração rápida e funcional, e à afetividade que envolve os planos de restauração feitos. A Igreja de Nossa Senhora do Carmo fazendo parte, em Mariana, do conjunto da Praça Minas Gerais, estabelecida no centro histórico da localidade, é cenário integral da comunidade religiosa e turística, e o conhecimento deste fato contribui enormemente para a relação empática com a construção.

A Igreja do Carmo pode ainda ser considerada pelo rococó mineiro em evidência. Os resultados do emprego do rococó francês no Brasil implicaram um cristianismo pacificado, utilizando-se da fé e da expressão arquitetônica mais serena que a expressada pelo movimento barroco, que enfatizava a tragicidade e emoção da existência. São traços perceptíveis de tal movimento na dimensão espacial da Igreja o douramento restrito aos ornatos, em fundos esbranquiçados, beges ou em tons suaves, e um ponto focal artístico na pintura do forro da nave e no retábulo do altar-mor.

Dessa maneira, não somente se destaca seu papel como palco de manifestações cristãs marianenses, mas também pelo seu caráter como patrimônio significativo artística, cultural, religiosa, documental ou esteticamente. Assim, sua importância é construída não somente pela força da arte, da arquitetura da Igreja, mas se faz com participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que detém esse patrimônio. Assim, a cidade, como “um artefato que pulsa, que vive, que permanentemente se transforma, se autodevora e expande em novos tecidos” (LEMOS, 1981, p.47), adquire a necessidade da preservação e o encantamento da relação com o passado e o presente de um povo.

A restauração anterior ao incêndio também abre as portas da verificação sobre ele, permitindo entender o estado de conservação do local na época, no intuito de estabelecer também uma suposição sobre as circunstâncias do fogo e suas causas. Tal restauro tem seu projeto, de autoria do arquiteto Altino Caldeira, doutor em conservação de cidades históricas e ex-chefe de escritório do IPHAN de Mariana, submetido em 1988 e as obras prosseguem até 1999, quando ocorre o sinistro.

*Figura 2 - Interior da igreja após incêndio*



Devido ao conjunto de informações sobre esse processo, foi possível assimilar as manutenções sendo realizadas, especialmente junto ao telhado do templo, e

adquirir um conhecimento sobre como pôde ter ocorrido a destruição do teto da nave e o desabamento de boa parte do mesmo.

Ao longo da análise documental e obtendo o relato do professor Altino Caldeira sobre o acontecido, a pesquisa pôde captar esse momento como também de grande importância no entendimento da situação e do contexto do incêndio. Supôs-se que, como relatado brevemente no Boletim de Ocorrência da Polícia Militar de Minas Gerais, o acidente tenha sido causado por uma centelha de fogo surgida pelo impacto de um jato de querosene, sendo utilizado na dedetização contra cupins, sobre uma lâmpada do telhado da nave em um dos processos de imunização final, levando a um curto-circuito.

Por fim, foram indicados os elementos artísticos aplicados à arquitetura que sofreram maiores danos pelas chamas. Dentro desses se encontram o forro da nave, englobando o telhado, a pintura interna e os retábulos laterais, além de diversas imagens presentes nos altares e esculturas de anjos que estavam acopladas à estrutura arquitetônica da igreja. Considerando os diversos focos possíveis, a pesquisa ainda se voltou, em parte final, para um entendimento maior sobre o processo no forro em si e nos retábulos, observando as mudanças ocorridas e os planos de restauração para esses, disponíveis no Arquivo do IPHAN, pelo arquiteto Rodrigo Meniconi, responsável pelo Projeto Básico de Arquitetura e Restauro.

Com a constatação do ocorrido, é chamada uma “Comissão de Acompanhamento” para a restauração, que buscou garantir e implementar as decisões do Fórum Técnico denominado “Reflexões sobre o Carmo de Mariana” (Arquivo do IPHAN, 2000), em cuja foi elaborada, junto aos órgãos competentes, a elaboração do “Ante Projeto Básico de Restauro no Monumento do Carmo em Mariana”.

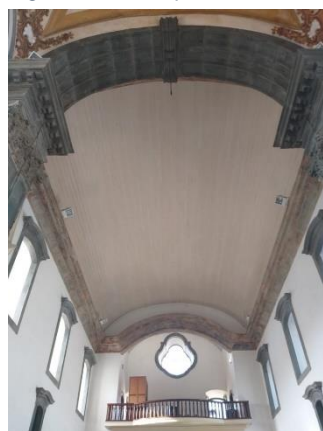
De maneira principal ao objeto de estudo, ocorrido o desabamento do telhado da nave, foram derrubadas também estruturas de madeira que, por conseguinte, levaram à queda dos altares laterais que ladeavam o arco-cruzeiro da Igreja. Após a perda da obra no incêndio, durante estas primeiras tomadas de decisão, foi estabelecida a importância de um restauro bem pensado para o elemento artístico do forro, considerando a refatura da pintura anterior, projeto esse que foi descartado com base na necessidade da devolução da funcionalidade sem imitar o passado. Assim, foi feita uma pintura base, na mesma coloração bege do restante da igreja, harmonizando com o perfil

rococó do inteiro, mas sem inferir nenhum tipo de personalidade ao ambiente, como a anterior.

Figura 3 - Forro antes do incêndio



Figura 4 - Forro após o incêndio



Os retábulos colaterais da Igreja do Carmo foram ambos completamente destruídos após o incêndio, junto do coro e do para-vento – elementos arquitetônicos posicionados logo na área de entrada do templo, sendo assim necessária sua completa reconstrução. Nesse momento, houve uma restauração com foco menos artístico e mais arquitetônico. Em razão desse fato, foram replicados massas e volumes, sem refazer o original, reduzindo o altar a sua mera essência. As mesmas proporções dos antigos retábulos foram seguidas, buscando, sobretudo, não deixar marcas do incêndio, recuperando a funcionalidade do espaço de culto.

Figura 5 - Retábulos após o restauro



Pela elaboração teórica envolvida, segundo o relatório de Diretrizes das Intervenções, o objetivo maior do projeto de restauração na Igreja foi “não ferir a autenticidade da obra”, visando o “preenchimento de

lacunas” e a reconstituição com materiais contemporâneos e compatíveis com os remanescentes. Sendo assim, os novos elementos a serem incorporados à construção deveriam também ser “diferenciáveis e claramente identificáveis”, a fim de restaurar o conjunto da obra, devolvendo sua funcionalidade de maneira integral, sem ocorrer o apagamento histórico do fogo e um ludíbrio dessa nova intervenção como indutora ao original.

São mencionadas, tanto pelos documentos encontrados quanto pelo próprio autor do projeto, como alicerces para essa afirmação quanto ao restauro, em geral, a Carta de Washington, “carta internacional para a salvaguarda das Cidades Históricas” (CARTA DE WASHINGTON, 1987, p. 1), promulgada pelo ICOMOS; e ambas as formulações básicas do restauro – incrivelmente importantes para o entendimento da restauração no geral e também para aspectos da conservação de bens materiais – de Cesare Brandi (1906-1988), um dos principais nomes da restauração mundial, e Camilo Boito (1836-1914), importante historiador, arquiteto e restaurador.

Foi possível encontrar correspondências ideológicas diretas entre a Carta de Washington e o documento inicial presente no IPHAN, justamente por se tratar de um valor específico quanto à restauração: a manutenção da visibilidade do monumento como pertencente à história, sem uma manipulação da realidade. Em Brandi, foi possível notar ainda o enfoque para a uniformização do espaço interno, mas concebendo a Igreja como um inteiro, onde vê-se a “exigência de reconhecer ligações que conectem as coisas existentes” (BRANDI, 2004, p. 44). Já a Carta de Veneza, ao postular que uma restauração deve ter “por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento e fundamenta-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos” (CARTA DE VENEZA, 1964, p. 2), corrobora com as decisões tomadas no que diz ao refazimento da pintura histórica existente previamente no forro, em especial quando se leva em conta que, até o momento, não foi refeita e não há planos para que seja.

Quanto à relação das teorias de Boito com os ideais apresentados no documento disponibilizado pelo IPHAN, pode-se partir do pressuposto dos elementos básicos de suas teorias para uma relação superficial, com a intenção de simplificar os ornatos, deixando claro o que aconteceu e expor o incêndio, transpassando uma linha de memória e afeto.

#### 4) CONCLUSÃO

Dessa maneira, na pesquisa foi observado que a Igreja Nossa Senhora do Carmo faz parte de um grande complexo de história e cultura religiosa brasileiro, sendo patrimônio importante para Minas Gerais e palco de celebrações e culto por parte da comunidade católica local. Além disso, investigou-se que o incêndio ocorrido em 1999 se deu, em grande parte, devido a outra restauração sendo realizada no interior do recinto, mais especificamente no telhado, e a combustão do querosene que culminou nas chamas que destruíram por completo a nave do templo.

A documentação-fonte para a pesquisa parece apontar, segundo analisado, para um restauro voltado a preservação da funcionalidade da Igreja, buscando devolver a ela seu espaço da maneira mais neutra o possível, recompondo-o harmonicamente através da reestruturação dos telhados e forro, além da reedificação dos retábulos colaterais, coro e para-vento. O suporte teórico do Projeto Básico da restauração indicou a compreensão das teorias de Camilo Boito e Cesare Brandi, e a incorporação das Carta de Veneza e Carta de Washington, importantes teorias para o restauro, tratando da preservação e do restauro crítico conduzido.

#### 5) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

BOITO, Camilo. Os Restauradores. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014, 64p.

BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013, 264p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Cartas Patrimoniais. Brasília: IPHAN, 1995. 343 p.

LEMONS, Carlos A. C. *O que é patrimônio histórico?* São Paulo: Brasiliense, 1981.

- Documentação retirada dos Arquivos de projetos do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Minas Gerais, 13ª Coordenação Regional em Mariana.

- Entrevista realizada em 24 de junho de 2020, por telefone, com o arquiteto Altino Caldeira. São Luís, MA.